

MITO COSMOGÔNICO TUPINAMBÁ  
À LUZ DA PSICOLOGIA ANALÍTICA JUNGUIANA



Inácio Cunha, Ph.D.

MITO COSMOGÔNICO TUPINAMBÁ  
À LUZ DA PSICOLOGIA ANALÍTICA JUNGUIANA



*Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.*

Direção editorial  
*Darlei Zanon*

Coordenação da coleção  
*Dra. Maria Elci Spaccaquerche, Dr. Franklin Chang,  
Dr. Léon Bonaventure (in memoriam)*

Gerente de design  
*Danilo Alves Lima*

Coordenação de revisão  
*Tiago José Risi Leme*

Preparação do original  
*Tatianne Francisquetti*

Diagramação  
*Gustavo Gomes*

Imagem da capa  
*Inácio Cunha*

Impressão e acabamento  
PAULUS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

---

Cunha, Inácio  
Mito cosmogônico tupinambá à luz da psicologia analítica junguiana / Inácio Cunha. -  
São Paulo : Paulus, 2023.

(Coleção Amor e psique)

ISBN 978-65-5562-891-3

1. Psicologia junguiana I. Título II. Série

23-1783

CDD 150.19

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicologia junguiana



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.  
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos  
e nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**  
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-891-3

Para o Heitor, o Castro Cunha, por ter-me emprestado,  
não apenas nas nossas corridas matinais,  
seus pensamentos que expandiram os meus.  
E sempre com uma ternura e perspicácia curativas.

## Agradecimentos

Gostaria de registrar minha gratidão à colega Maria Elci Spaccaquerche Barbosa pela forma como me acolheu quando lhe apresentei o manuscrito. Seus questionamentos e sugestões contribuíram para que a comunicação que estava interessado em compartilhar se tornasse melhor e mais robusta. Seu entusiasmo e defesa do projeto foram fundamentais para que este livro viesse a ser publicado.

Quero agradecer também, de uma maneira bem especial, à Editora Paulus, porque, ao aceitar este meu texto para publicação, ela subscreve a convicção de que temos aqui entre nós um material cultural riquíssimo, ávido por ser apreciado por nós brasileiros, um povo constituído sob diversos véus.

# PREFÁCIO

Estávamos no começo da década de 1970 e, numa daquelas manhãs, ainda uma criança, acordei bem cedo e fui logo ao meu pai contar-lhe do sonho que tivera naquela noite. Na verdade, um pesadelo! Disse-lhe que um grupo de índios havia se aproximado, correndo, fazendo um cerco ao redor de nossa casa. Gritavam ferozes, portando tochas brilhantes nas mãos. Gesticulavam muito e nos ameaçavam. Não via o momento em que nossa casa seria invadida e destruída. Um pouco mais afastados, com seus corpos quase totalmente nus, havia outros índios, com suas flechas também incandescentes apontadas em nossa direção. Certamente a casa seria incendiada, e nós, todos mortos. Acordei! Graças a Deus!

Esse sonho continuou a visitar-me com frequência por um tempo além da adolescência, sempre me deixando uma impressão incômoda e um sentimento paralisante de medo. Foi só na idade adulta que tais imagens se arrefeceram e eu não mais me lembrava delas. Não obstante, sempre quis compreender qual era o sentido daquele ataque tão virulento.

Cada um de nós, no seu envolvimento profundo com a psicologia analítica junguiana, se depara, entre as várias possibilidades que nos oferta a profissão, com o inarredável convite para visitar os recônditos da nossa subjetividade. E, como não poderia ser diferente, tem sido por força do par de óculos que nos empresta Jung que boa parte do meu trabalho criativo como analista tem-se voltado para o manancial cultural ameríndio que nos permeia.

Foi durante essa tentativa de extrair sentido psicológico dos relatos cosmogônicos dos Tupinambá que, de modo inesperado, aquele sonho de criança ressurgiu-me, com todo o seu vigor. Agora, felizmente, a possibilidade de compreendê-lo simbolicamente me parece mais tangível. Neste momento, fica mais óbvio, salvo melhor juízo, que toda aquela tensão e violência encenadas no sonho falam, na verdade, de uma urgência daquilo que pertence ao universo indígena de habitar a “minha casa”, ou seja, a minha consciência. De alguma forma, aquele ataque era um apelo do universo ameríndio por ser reconhecido, considerado e apreciado no seu esplendor, magnitude e importância na minha psique. Não há, contudo, como não considerar tais imagens também do ponto de vista coletivo. Meu desenvolvimento psíquico e também o dos meus pares – nós, que nos chamamos brasileiros – não pode prescindir da experiência ameríndia. Não há como deixá-la na obscuridade.

A condição de ter-me “esquecido” dessas imagens por um tempo talvez aponte para o fato de que tanto o material quanto, e sobretudo, eu próprio deveríamos nos maturar até que surgisse um momento adequado para uma aproximação de toda a temática numa perspectiva simbólica. Sabemos que qualquer conteúdo que o indivíduo “insiste” em manter no inconsciente pode tornar-se destrutivo, mas, à medida que ele alcança a consciência, seu significado criativo pode florescer. Aprendemos com Jung que, se deixarmos algo no inconsciente, seu valor tende a desaparecer, já que, nesse domínio, tudo coalesce. Quando o inconsciente nos envia temas sob a forma de pesadelos, isso pode ser entendido como sendo a sua urgência para que as representações ali expressas sejam compreendidas e integradas à consciência humana. Interessante ressaltar que eu tornei a me lembrar

dessas imagens oníricas depois que já havia avançado bastante na minha pesquisa e na minha escrita sobre os Tupinambá. Foi naquele momento que me tornei mais cômico de que minha tarefa estava atrelada à necessidade de, de alguma forma, acomodar tais conteúdos. Nesse sentido, a temática ameríndia continuava seu trabalho em mim, ainda que eu não estivesse totalmente ciente do seu sentido. Sinto, portanto, como se eu, nestes tempos, tivesse mesmo que abraçar a ideia de que também minha deva ser a condição de prestador de serviços à herança ameríndia sob os auspícios de sua simbologia.

O texto que o leitor tem diante de si representa, nesse sentido, um esforço por acomodar parte daquilo que se pôde compreender simbolicamente do meu sonho de criança. As páginas que se seguem refletem, pois, uma tentativa de compreensão do estrato indígena na nossa psique. O debruçar sobre as imagens mitológicas que foram disponibilizadas na literatura desde o início do século XVI acerca dos Tupinambá e a busca de sentido no seu apelo psicológico devem ser vistos como uma contribuição para o abrir de portas do corredor psíquico para que tal conteúdo possa adentrar nossa consciência atual. Ao invés de apenas ser fatalmente invadido e atacado por um conteúdo que nossa cultura tende a reprimir, traduzir psicologicamente as imagens cosmogônicas do ameríndio que, eventualmente, não tivemos oportunidade de aprender significa dar passos para reconhecer a inarredável importância desse universo para o fazimento da nossa totalidade psíquica. O olhar da psicologia analítica junguiana é uma possibilidade peculiar para se aproximar do imenso significado de que se reveste tal cultura.

A investigação da cosmologia ameríndia foi, contudo – e continua sendo –, um desafio enorme e ainda, de certo

modo, profundamente frustrante, pois, como se poderá verificar neste texto, falta muito para que se faça jus à sua importância para a economia psíquica não apenas dos brasileiros, mas também da humanidade como um todo, dado o seu caráter arquetípico. A escolha de focar no material pertencente a um grupamento indígena específico – os Tupinambá – foi uma tentativa de circunscrever um domínio que, ao longo dos séculos, vem se adulterando pelas diversas formas de relatos, interpretações, usos e associações, tornando sua compreensão nem sempre segura e robusta. Há, comumente, uma indiscutível dificuldade em lidar com temas ameríndios brasileiros, sobretudo porque grande parte do material disponibilizado, desde os primeiros cronistas dos Quinhentos até hoje, tem um caráter matricial. Ou seja, existe um amálgama – se não confusão – nos informes acerca das várias etnias ameríndias, sendo que muito material é compartilhado entre elas, seja do ponto de vista antropológico, sociológico, histórico, literário, estético e, sobretudo, mitológico. Há uma afinidade desafiante à elucidação entre os elementos apresentados quando se comparam os textos dos vários grupos ameríndios. Ao se analisarem, por exemplo, os relatos mitológicos colhidos junto aos Guarani, sobretudo da região que abrange o Paraguai, é impressionante como os temas se assemelham com os dos ditos grupos Tupi.

O grupo Tupinambá foi sendo progressivamente diluído ao longo dos séculos, desde a chegada do europeu às costas brasileiras, e considerado totalmente extinto já no século XVIII (ou talvez até antes). Não obstante, desde a década de 1920, os habitantes da área no sul da Bahia – Terra Indígena de Olivença – clamavam por serem reconhecidos como Tupinambá. E, finalmente, no ano de 2001, os Tupinambá foram retirados, pela Funai

(Fundação Nacional do Índio), da lista de povos extintos. Se tomarmos esse acontecimento do ponto de vista simbólico, essa reconsideração existencial desse grupo ratifica, em alguma extensão, o quão resiliente a humanidade primeira das Américas se revela. Há algo – seja em nós brasileiros da atualidade, seja no conteúdo em si, seja em ambos – que insiste em se fazer presente na nossa vida, não importa o quanto tenha se mantido apartado. Para além da importância histórica, humanitária, sociológica, legal, política ou etnológica, a reconsideração da existência dos Tupinambá tem imenso significado do ponto de vista psíquico, pois reafirma que, na nossa psique, há algo que clama que tal universo tenha voz.

Investigar esse material ameríndio brasileiro à luz da psicologia analítica junguiana é também uma penetração nos alicerces da psique humana. Compreendê-lo psicologicamente é facilitar a integração de uma matriz da condição humana que circunscreve toda a humanidade, mas particularmente os brasileiros da contemporaneidade, posto que é arquetípico. A urgência de sua integração se torna ainda mais evidente se considerarmos o fato de que estamos muito mais acostumados a lidar com a parcela europeia e africana que nos constitui. Nossa consciência coletiva, portanto, se encontra manca nessa perspectiva.

O que se ensejou, primeiramente, aqui foi coletar o material disponibilizado pelos vários autores, de forma que se pudesse vislumbrar o desenvolvimento do mito cosmogônico com vistas à sua compreensão psicológica. Obviamente, autores prévios também já apresentaram suas “juntadas” de acordo com sua área de formação, mas a diferença, aqui, reside no fato de que a intenção é a busca do sentido simbólico. Ou seja, extrair significados, via par de lentes que oferece a psicologia junguiana.

Ao lidar com o material mitológico, sempre nos perguntamos o porquê de uma imagem, figura ou situação ter-se desenvolvido dessa maneira e não daquela. Ou seja, estamos à procura das necessidades psíquicas que fizeram brotar as imagens que constroem um dado tema mítico. Nem sempre, contudo, é possível estabelecer afirmativas, sobretudo porque a abordagem, como dito, é simbólica. Mas, como normalmente os mitos cosmogônicos se relacionam ao processo de construção da consciência coletiva, este texto é também uma verificação do fazimento do homem neolítico que habitava estas paragens e que, quer queira, quer não, desagua em nós da atualidade. Não se aproximar da mitologia ameríndia faz de nós órfãos soberbos e infantis.

Portanto, oferta-se aqui, ao leitor, este texto com a esperança de que, com sua benevolência, também possa abrir suas portas psíquicas e se impregne de uma fonte de conhecimentos e venturas de uma mitologia tão preciosa para nossa condição existencial. Oxalá os índios que, no meu sonho, nos cercaram na infância possam entrar amigavelmente em “nossa” casa e que, com seu fogo, como uma *lumen naturae*, nos tragam iluminação, transformação e formas robustas de nos tornarmos mais nutridos, psicologicamente falando, do seu manancial.

Inácio Cunha, Ph.D.  
Analista junguiano diplomado  
Belo Horizonte, janeiro de 2022